

## REFLEXÕES SOBRE O BRUTALISMO CEARENSE

Prof. Dr. Arq. Clovis Jucá Neto

Curso de Arquitetura e Urbanismo/Centro de Tecnologia/Universidade Federal do Ceará  
Rua Jaime Vasconcelos, 397, apto. 306, Varjota, Fortaleza, Ceará, Brasil.

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Arq<sup>a</sup> Margarida Julia Farias de Salles Andrade

Curso de Arquitetura e Urbanismo/Centro de Tecnologia/Universidade Federal do Ceará  
Rua Manuel Firmino Sampaio, 50, apto 1501, Água Fria, Fortaleza, Ceará, Brasil

Prof. Dr. Arq. Romeu Duarte Junior

Curso de Arquitetura e Urbanismo/Centro de Tecnologia/Universidade Federal do Ceará  
Rua Dom Expedito Lopes, 2.051, Dionísio Torres, Fortaleza, Ceará, Brasil.

## RESUMO

O artigo discute o brutalismo cearense, destacando as principais realizações concebidas entre 1970 e 1980 e situando-o no contexto local e nas suas interações com o cenário nacional e internacional. O recorte cronológico coincide com o momento em que a tendência brutalista, padronizada por boa parte dos arquitetos paulistas, se torna hegemônica no Brasil.

A arquitetura moderna cearense pode ser abordada em dois momentos. A **primeira geração** é formada por arquitetos graduados no Rio de Janeiro e em Recife e que retornam a Fortaleza a partir de 1950. A **segunda geração** é constituída pelos formados na USP, UNB, UFRJ, UFPE e os egressos da própria Escola de Arquitetura da UFC, que se agregam aos precursores. Entre 1970-80, o meio profissional se amplia e se consolida, iniciando nova fase na arquitetura cearense, orientada principalmente pelas referências formais e construtivas da vertente brutalista. Destaca-se uma demanda por **projetos** de encomenda **estatal** de grande significado para a cidade. Outra **tipologia** que figura entre as importantes realizações afinadas com o brutalismo são as obras residenciais em vários bairros, com destaque para as novas possibilidades formais e construtivas.

**Palavras-chave:** Arquitetura Brutalista. Arquitetura Moderna. Ceará/Brasil.

## ABSTRACT

The article discusses the brutalist architecture trend of Ceará, highlighting key achievements designed between 1970 and 1980 and placing it in the local context and its interactions with the national and international scene. The chronological cut coincides with the time when the brutalist trend, standardized by most architects in São Paulo, becomes hegemonic in Brazil.

The modern architecture of Ceará can be approached in two stages. The first generation consists of senior architects in Rio de Janeiro and Recife, who return to Fortaleza from 1950 on. The second generation consists of architects who studied in USP, UNB, UFRJ, UFPE and graduates of the School of Architecture of the UFC, that aggregate to the precursors. Between 1970-80, the professional scene expands and consolidates, starting a new phase in the architecture of Ceará, driven mainly by formal references and constructive aspects of brutalism. It is highlighted by a demand of state buildings that is of great significance to the city. Another typology among the important achievements in tune with the brutalism are works in various residential neighborhoods, pointing out new formal and constructive possibilities.

**Keywords:** Brutalist architecture. Modern architecture. Ceará/Brasil.

## REFLEXÕES SOBRE O BRUTALISMO CEARENSE

O artigo discutirá a arquitetura cearense brutalista destacando as principais realizações concebidas entre 1970 e 1980 e situando-o no contexto local e nas suas interações com o cenário nacional e internacional. O recorte cronológico coincide com o momento em que a *“tendência brutalista, padronizada por boa parte dos arquitetos paulistas vai se tornar”*, se não ao menos hegemônica, mas *“universalmente difundida nas demais regiões brasileiras”* (Zein, 2006).

Ao analisar esse processo é necessário retroceder algumas décadas anteriores, quando se observa alguns **fatos históricos** importantes para a mudança do quadro da produção da arquitetura cearense. Primeiramente, a criação da Universidade Federal do Ceará (UFC) em 1955, que *“possibilitou a atuação de uma primeira leva de arquitetos modernos”* (Jucá Neto, 2009) elaborando vários projetos para o campus do Benfica. Em 1964 cria-se a **Escola de Artes e Arquitetura** da UFC, posteriormente Curso de Arquitetura e Urbanismo, sendo convocados os quatro professores arquitetos que lecionavam em outros cursos<sup>1</sup> para fazer parte do seu quadro docente e da comissão de implantação da instituição.

A arquitetura moderna cearense pode ser abordada em dois momentos. A **primeira geração** é formada por arquitetos graduados no Rio de Janeiro e em Recife e que retornam a Fortaleza a partir de 1950. *“Trazem para o Ceará o debate sobre a arquitetura e o urbanismo modernos praticados naqueles centros e nas grandes cidades do mundo, o que para nós, nestas latitudes, era praticamente desconhecido* (Andrade, 1995:74). Seus trabalhos são marcados por lições da Escola Carioca, *“que precipuamente estabelece a autoridade de uma determinada doutrina projetual moderna, de corte corbusiano mas de caráter brasileiro, validando e oferecendo um conjunto de procedimentos com os quais a arquitetura moderna brasileira poderia idealmente se expandir.”* (Zein, 2005:50). Inaugurava-se assim uma nova postura arquitetônica, pautada no novo senso estético e no domínio de novos procedimentos construtivos da região e na busca da racionalização como diretriz operativa, que iam do risco ao cálculo estrutural.

Essas **obras pioneiras** estão concentradas principalmente no Campus do Benfica da Universidade Federal do Ceará. Destacam-se o edifício da Residência Universitária<sup>2</sup> (1955-66), os anexos da Reitoria, a Pró-Reitoria de Extensão Universitária<sup>3</sup> (1960), a Imprensa Universitária<sup>4</sup> (1960-66) e outros imóveis espalhados na cidade, como o Centro dos Exportadores<sup>5</sup> (1962), o Palácio Progresso<sup>6</sup> (1964) e o anexo do Colégio Cearense<sup>7</sup> (1967). Segundo Castro, a ação renovadora da Universidade também começava *“a se fazer sentir no espaço urbano, exigindo em particular a melhoria da oferta de materiais de construção do comércio”* e provocando *“o aparecimento de pessoal habilitado no desempenho de novas técnicas”* (Castro, 2004).

A **segunda geração** é constituída pelos formados na FAUUSP (José Antonio Perbelini Lemenhe, José da Rocha Furtado), UNB (Roberto Castelo), UFRJ (José e Francisco Nasser Hissa, Gerhard

e Nícia Bormann, Reginaldo Rangel e Antonio Carvalho Neto), UFPE (Marcílio Dias de Luna), os quais, juntamente com os egressos da própria Escola de Arquitetura da UFC (Fausto Nilo, Nearco Araújo, Nelson Serra, Paulo Cardoso e outros), agregam-se aos precursores.

O ano de 1969 define o fechamento de um ciclo da Escola, tanto pela saída da primeira turma, como pela conquista da Medalha de Ouro no Concurso Internacional de Escola de Arquitetura na Bienal de São Paulo pelos alunos do Ceará. O grupo, composto por Fausto Nilo, Nelson Serra, Nearco Araújo, Eliane Câmara e Flávio Remo, evidencia a contemporaneidade entre a proposta e as referências nacionais e internacionais.

O tema do concurso consistia num projeto de uma Escola de Arquitetura considerando o papel que cabe ao arquiteto no mundo moderno, sua função social e a formação necessária ao desempenho perfeito de suas funções<sup>8</sup>. A equipe vencedora ampliou a concepção para um campus universitário, em que o projeto da escola constituía-se “como parte integrante de uma unidade espacial maior em que as atividades inter-disciplinares e a vida em comunidade permitam o relacionamento social”<sup>9</sup>. Ao **nível nacional**, o projeto dos estudantes cearenses revela o gesto radical de Artigas com a obra da sede da FAUUSP (1961-62): o volume único abrigando todas as funções, a integração espacial dos vários níveis, a articulação dos pavimentos em meios-níveis, a iluminação natural zenital, a estrutura de concreto armado com lajes nervuradas e o uso das texturas em concreto aparente (Figura 01). Ao **nível internacional** o campus aproxima-se das referências teóricas dos arquitetos Alexis Josic, George Candilis e Shadrach Woods na orientação do urbanismo como grande definidor da arquitetura e na utilização de uma trama capaz de disciplinar o projeto e as exigências de flexibilidade, crescimento e mudança (Figura 02).

Segundo o memorial justificativo, “*um sistema de trama modular pode gerar um espaço flexível e integrado, o qual, apoiado numa infra-estrutura de inter-comunicações, substituirá de maneira adequada o espaço tradicionalmente organizado[...]*”. Propõe então “*um sistema estrutural padronizado, que visa a atender ao grau de flexibilidade e expansibilidade exigido por uma universidade dinâmica e atual*” (Figura 03).

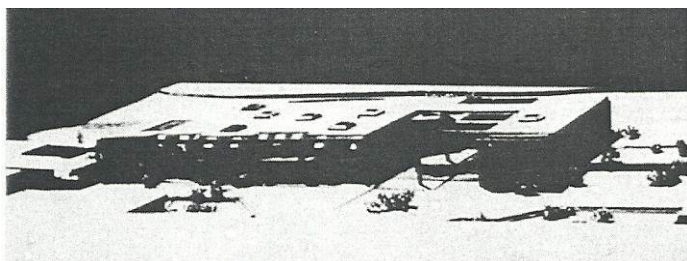


Figura 01 – Volumetria da proposta da Escola de Arquitetura, 1969.

Fonte: Arquivo da Biblioteca do CAU/UFC

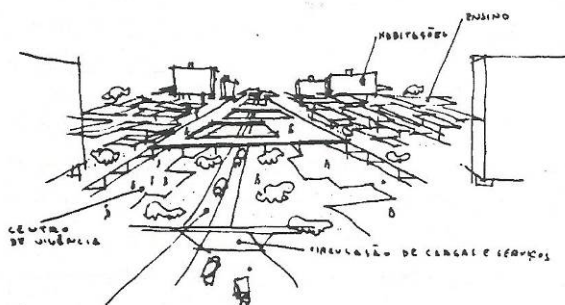


Figura 02 – Perspectiva da proposta do Campus Universitário.

Fonte: Arquivo da Biblioteca do CAU/UFC

O edifício da Escola de Arquitetura:

*constitui uma unidade integrada na estrutura global do campus. A organização espacial conseguida com a combinação das unidades modulares abriga em três níveis as principais funções. O pátio de acesso é o elemento arquitetônico que promove a integração espacial dos vários níveis e sua função é de espaço vivencial e de encontro. Os pilotis, tal como nos outros edifícios, funcionam como elemento integrador do espaço térreo do edifício com o campus.*<sup>10</sup> (Figura 04 e 05)

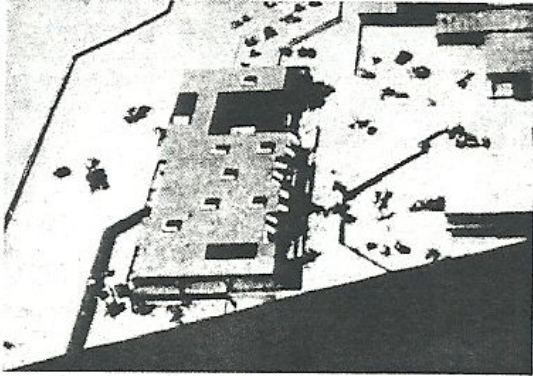


Figura 03- A volumetria da Escola de Arquitetura inserida no Campus  
Fonte: Arquivo da Biblioteca do CAU/UFC

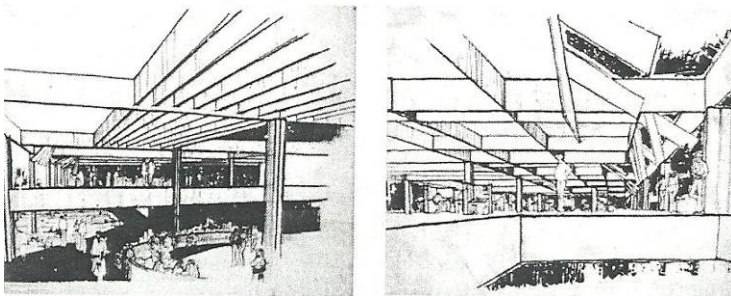


Figura 04 – Interior do projeto da Escola de Arquitetura. Destaca-se o emprego do concreto aparente nas lajes nervuradas e nas peças pré moldadas, bem como a integração espacial dos níveis.  
Fonte: Arquivo da Biblioteca do CAU/UFC

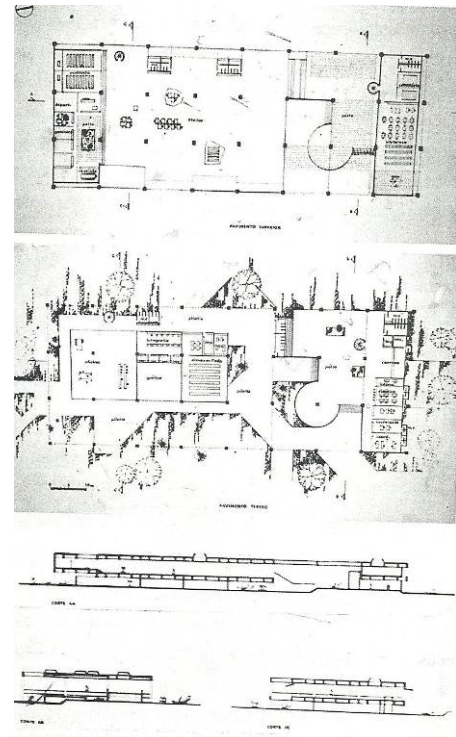


Figura 05 – Nota-se nas plantas a trama modular 12m X 12m. No corte, o pátio de acesso e a localização das atividades em meios-níveis.  
Fonte: Arquivo da Biblioteca do CAU/UFC

## Contribuição do Setor Público

Entre os anos de 1970 e 1980 o meio profissional se amplia e se consolida, iniciando nova fase na arquitetura cearense orientada principalmente pelas referências formais e construtivas da vertente brutalista. Destaca-se uma demanda por **projetos** de encomenda **estatal** de grande significado para a cidade.

Segundo Sampaio:

Além da maior pluralidade de autorias e formulações, podem ser assinaladas algumas mudanças na produção deste novo período: quanto à maior valorização da concepção estrutural das obras, passando a exibir soluções construtivas e a explorar a textura dos materiais utilizados; quanto a uma ambiência mais austera e

de certa rusticidade, dispensando-se os revestimentos e esquemas cromáticos anteriores; e quanto à forma de implantação, menos presa à configuração e aos limites do lote urbano, com propostas de novos agenciamentos espaciais que apontam para demarcação menos expressa entre o domínio público e privado, assumindo o projeto do edifício como fato indissociável do desenho urbano [...] (Sampaio, 2012: 208).

Várias obras públicas foram construídas, observando-se uma concentração principalmente a partir da década de 1970: o Centro de Hematologia e Hemoterapia do Ceará – HEMOCE (1970), dos arquitetos José Liberal de Castro e José Neudson Braga; a agência/sede do Banco do Estado do Ceará – BEC (também conhecida como “BEC dos peixinhos”), de Neudson Braga (1970); a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, de Roberto Castelo e José da Rocha Furtado (1972); a Academia de Polícia Militar Edgar Facó (1972), de Paulo Cardoso; o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA (1974), de Fausto Nilo; o Terminal Rodoviário Engenheiro João Thomé (1973)<sup>11</sup>, de Marrocos Aragão (**Figura 00**); a Biblioteca Pública Menezes Pimentel (1975), de Francisco Célio Falcão Queiroz e Airton Ibiapina Montenegro Jr; o Edifício Raul Barbosa (1978), de Nelson Serra e Neves, José Alberto de Almeida, Antônio Carlos Campelo Costa e Carlos Alberto Farias Costa (1978); o Departamento Nacional de Telecomunicações - DENTEL (1978), de Fausto Nilo e Delberg Ponce de Leon; a Junta Comercial do Estado do Ceará (1981) e a agência Pontes Vieira do Banco do Estado do Ceará (BEC), de Antônio Carlos Medina e Ricardo Rodrigues, dentre outras. Duas obras de tendência brutalista merecem destaque no Campus do Pici da UFC: o Núcleo de Processamento de Dados (NPD) e a Biblioteca Central, ambas projetadas pelo arquiteto Nearco Araújo.

O projeto da **agência-sede do Banco do Estado do Ceará** (BEC dos Peixinhos), elaborado pelo arquiteto Neudson Braga, foi vencedor do primeiro concurso público promovido pelo Departamento do Ceará do Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB/CE no estado (1968). O partido estrutural adotado (quatro pilares, uma parede estrutural e lajes nervuradas) é o responsável pela flexibilidade na organização dos espaços internos. Implantada na esquina das ruas Pedro Pereira e Barão do Rio Branco, em pleno Centro de Fortaleza, a edificação exhibe externamente vigorosos esteios e vigas-balcão em concreto aparente predominando sobre as aberturas envidraçadas.

Outra obra da mesma instituição e que segue a mesma tendência é a **Agência Financeira do BEC**, projeto dos arquitetos Antônio Carlos Medina e Ricardo Rodrigues, situada na Avenida Pontes Vieira. O edifício abre um pórtico de acesso para a via, conformado por grossa pilastra e uma marquise em concreto, com outros pórticos executados com o mesmo material existentes nas fachadas leste e oeste, esta guarnecida por *brises* verticais.



Figura 06 – Agência-sede do Banco do Estado do Ceará (BEC), 1970  
Arquiteto- Neudson Braga  
Fonte: Acervo Margarida Andrade



Figura 07- Agência Financeira do BEC  
Arquiteto- Antônio Carlos Medina e Ricardo Rodrigues  
Fonte: Acervo Margarida Andrade

O **Terminal Rodoviário Eng. João Thomé** é definido, por uma grande praça coberta com 33 módulos estruturais resolvidos em grandes parabolóides hiperbólicos em concreto<sup>12</sup>, *“interligados por berços de acrílico translúcido, que permitem, durante o dia, a penetração filtrada da luz solar”*, solução esta justificada como a que *“ecologicamente mais se adaptava no meio climático da região”* (Cadernos[...] 1982:174 -175) (Figura 08, 09 e 10). O projeto revela convergências com a arquitetura do brutalismo paulista, seja pelo partido da grande praça coberta, seja pelo desenho requintado dos pilares, seja pelas aberturas zenitais ou ainda pelo emprego do concreto aparente (Sampaio, 2012:219)



Figura 08 – Terminal Rodoviário Eng. João Thomé, 1973. Arq. Marrocos Aragão  
Fonte: Acervo Margarida Andrade



Figura 09 – O módulo “cogumelo” do Terminal Rodoviário Eng. João Thomé, 1973. Arq. Marrocos Aragão  
Fonte: Acervo Margarida Andrade

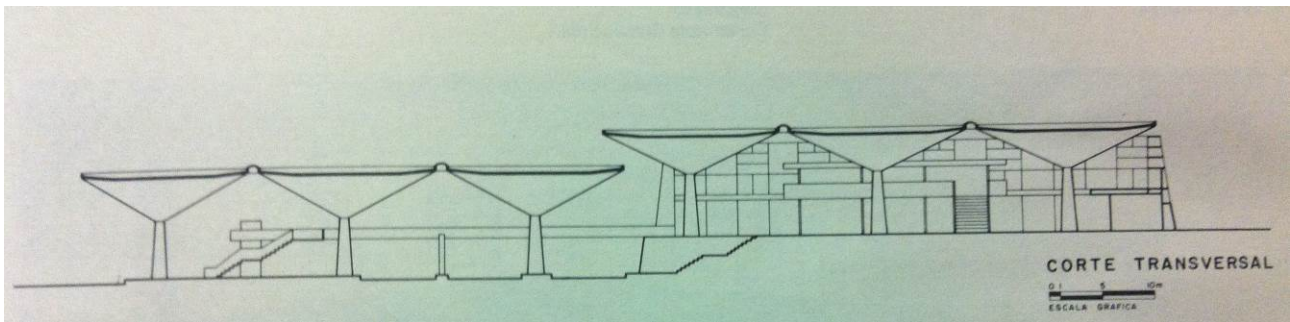


Figura 10 – Corte esquemático do Terminal Rodoviário Eng. João Thomé, 1973.  
Arq. Marrocos Aragão

Fonte: Panorama da Arquitetura Cearense, Vol. 10, Projeto Editores Associados: São Paulo, 1982 (repetir esta chamada onde for necessário)[...]

Outra obra emblemática é a **Biblioteca Pública Menezes Pimentel** (figura 11 e 12), implantada na Avenida Leste-Oeste, com uma cota de 20,0m acima do nível do mar, com desnível entre a avenida e a Rua José Avelino de cerca de 8,20 m. Com empenas laterais e volumes servidores revestidos em cerâmica vermelha e elementos estruturais em concreto aparente (pilares e vigas), o edifício, com fachadas de 80 metros de extensão, tem dois pavimentos situados abaixo do nível por onde se faz o acesso principal reservado às funções de serviço e três acima deste patamar onde se desenvolvem as atividades de leitura e guarda de acervo. Sua planta é livre, com a definição precisa dos espaços ocupados pelos sanitários, elementos de circulação vertical e ar condicionado.

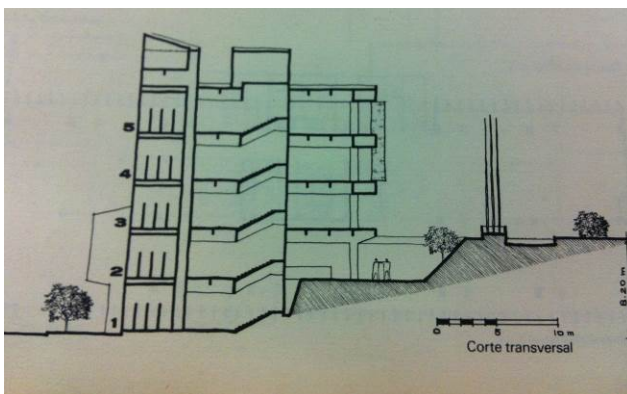


Figura 11- Corte da Biblioteca Pública Menezes Pimentel

Arquitetos- Francisco Célio F. Queiroz e Airton Ibiapina Montenegro Junior  
Fonte: Cadernos [...]1982:177



Figura 12- Corte da Biblioteca Pública Menezes Pimentel

Arquitetos- Francisco Célio F. Queiroz e Airton Ibiapina Montenegro Junior  
Fonte: Site do Governo do Estado do Ceará

De igual destaque é o **Edifício Raul Barbosa, sede da Direção Geral do Banco do Nordeste do Brasil (BNB)** (figura 13 e 14), resultado de um concurso em 1978, do qual sai vencedor a equipe de jovens arquitetos formados na Escola de Arquitetura da UFC<sup>13</sup>.

Sampaio pontua alguns detalhes desse projeto no tratamento dos espaços:



“a rica espacialidade do hall da agência, onde a presença de uma escada, de caráter escultórico, e a variada projeção dos três pavimentos superiores intensificam a ideia de integração e fluidez dos espaços; a disposição racional do pavimento tipo, com planos livres para as áreas de escritório e núcleo central, que concentra as circulações verticais, poços de descida das instalações e áreas molhadas (copa e sanitários), garantindo sua equidistância aos pontos extremos da lâmina; e uma sui generis fragmentação na superposição dos pavimentos tipo, os quais foram agrupados três a três, com intercalação de entrepisos, sob a justificativa da edificação não se constituir como barreira à circulação natural dos ventos” (2012:239-241)

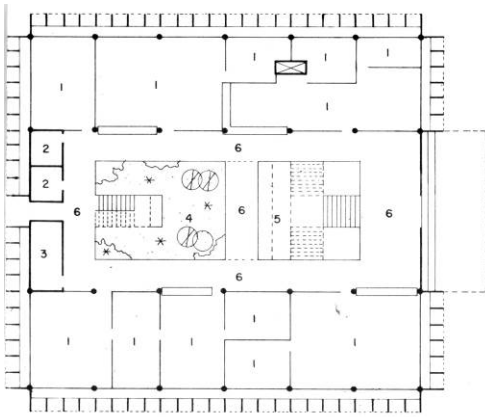


Figura 13 – Sede do BNB  
Arquitetos: Nelson Serra e Neves e outros  
Fonte: Site BNB



Figura 14 – Fachada oeste em construção do BNB, 1978  
Arquitetos: Nelson Serra e Neves e outros  
Fonte: PANORAMA [...] 1982:138

O antigo **Departamento Nacional de Telecomunicações (DENTEL)**<sup>14</sup> (figura 15 e 16), projetado pelos arquitetos Delberg Ponce de Leon e Fausto Nilo Costa Jr<sup>15</sup> em 1978, evidencia “a *proteção externa com quebra-sóis (brises) e jardins na periferia de todos os andares [o que] evita a incidência direta do sol nos planos das fachadas*” e o pátio interno, “*pergolado circundado por varandas [que] permite ótimo nível de conforto climático para os vários setores do edifício*” (Cadernos [...]1982:113). Com três pavimentos mais um subsolo, suas plantas constituem-se de um grande átrio central, com elementos de circulação vertical e jardins iluminados zenitalmente, e alas construídas nas faces norte e sul, utilizadas para as atividades administrativas. O terceiro pavimento é protegido e ornado com um conjunto de *brises* em concreto, enquanto que o primeiro é resguardado das vistas da Av. Virgílio Távora por um pano em concreto vazado em aberturas verticais encimadas por arcos plenos.



Pavimento térreo

Figura 15- Planta do pavimento do Dentel. Destacam-se o pátio interno pergolado e os brises brises nas fachadas.

Fonte: Arquivo da Biblioteca do CAU/UFC



Figura 16- Notável o emprego do concreto aparente nos arcos do pavimento térreo e nos brises das fachadas.

Fonte: Acervo Margarida Andrade

A sede do **Núcleo de Processamentos de Dados – UFC (NPD)** (figura 17 e 18) reproduz diretrizes da arquitetura brutalista: volume prismático, parcial liberação do solo a partir de uma estrutura de quatro pilares, emprego do concreto aparente associado ao tijolo vermelho. As vigas-balcão, ancoradas nos pilares, suportam vigamentos transversais em concreto, solução estrutural que libera completamente a planta dos pavimentos, menos a sua porção central, ocupada com ambientes de serviço. A separação dos espaços servidos dos espaços servidores é uma característica constante do brutalismo cearense.



Figura 17 – NPD/UFC  
Arq. Nearco Araujo

Fonte: Acervo Margarida Andrade



Figura 18 – NPD/UFC  
Arq. Nearco Araujo

Fonte: Acervo Margarida Andrade

## Contribuição do Setor Privado

Um exemplo da participação do setor privado nesta tendência brutalista é o **Centro de Atendimento Social do Serviço Social do Comércio (SESC)** (figura 19 e 20), situado no Centro de Fortaleza. Projetado pelo Arquiteto Marrocos Aragão e atualmente descaracterizado, tinha originalmente em seu programa espaços para a prestação de serviços médico-odontológicos de

atenção psicossocial, incluindo ainda um restaurante para os associados. Conformado em dois volumes diferentes em forma e gabarito (respectivamente prisma horizontal, com dois pavimentos, suportado por carreira de pilares centrais e caixa com grandes vãos frontais, vedação em vidro e *sheds*) e com predominância material do concreto, o equipamento, hoje com suas linhas alteradas, continua tendo o seu acesso pela Rua 24 de Maio, nas proximidades da Praça José de Alencar.



Figura 19 - Restaurante do SESC,  
Arq. Marrocos Aragão  
Fonte: Acervo Margarida Andrade



Figura 20 - Restaurante do SESC,  
Arq. Marrocos Aragão  
Fonte: Acervo Margarida Andrade

Na sede da antiga **Construtora Estrela S/A** (atual sede da Autarquia Municipal de Trânsito, Serviço: Públicos e Cidadania - AMC) (figura 21 e 22), situada na Avenida Aguanambi, o autor do seu projeto arquitetônico, o arquiteto Luciano Guimarães, empregou solução de distribuição dos quatro pavimentos em meios-níveis, com explicitação dos elementos estruturais e de proteção solar em concreto aparente. Os pilares colocados na periferia das plantas, logo atrás dos panos de vidro, conferem ao prédio uma sensação de leveza, reforçando a principal característica de sua implantação, realizada em parte sobre acive do terreno.



Figura 21 – Sede da Construtora Estrela S/A  
Arquiteto: Luciano Guimarães  
Fonte: Acervo Margarida Andrade

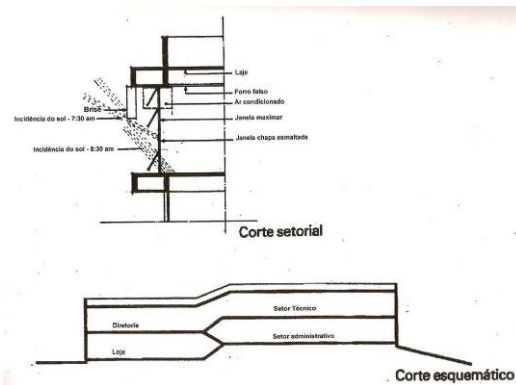


Figura 22 – Detalhe dos brises combinados com esquadrias “maximar” e destaque dos quatro níveis no corte esquemático.  
Fonte: Panorama da Arquitetura Cearense ...[...]1982

## Residências Unifamiliares

Outra tipologia registrada no período assinalado que figura entre as importantes realizações afinadas com o brutalismo são as **residenciais unifamiliares**. Localizadas em vários bairros da cidade, seus destaques são as novas possibilidades formais e construtivas de entender e realizar as obras. Algumas contribuições da produção residencial devem ser ressaltadas por seu caráter de “laboratório experimental”, pois “na pratica a casa é muitas vezes a única, a melhor ocasião para o profissional experimentar” (ACAYABA,1986:15).

Recém-formado, o jovem arquiteto Paulo Cardoso<sup>16</sup> constrói sua casa no bairro Papicu em 1974, executada em abóbadas em arco de parábola extrusadas, estruturadas com tijolos furados autoportantes e atirantadas por uma linha de concreto armado. A cobertura foi apoiada sobre cintas de concreto armado, servindo como vigas deitadas que recebem esforços predominantemente horizontais (Figura 23 e 24). O arquiteto pretendeu desenvolver outras alternativas construtivas, transformando o canteiro de obra em um laboratório de pesquisa estrutural onde o risco surge em resposta à técnica escolhida. Sendo o proprietário, o arquiteto e o construtor a mesma pessoa, tornou-se viável a experiência. A planta em um único pavimento não segue o sentido ortogonal do terreno, mas sim conforma-se segundo os caminhos da ventilação e da insolação. As abóbadas de tijolo furado se apoiam em vigas horizontais de concreto aparente, e estas distribuem a carga para as paredes de tijolo maciço (sem pilares). Na frente, a varanda externa (figura 25) e o abrigo de autos se confundem com a sala de estar, tanto pela continuidade do piso como pelas grandes aberturas. O volume da casa é composto de fileiras de abóbadas. O espaçamento em arco entre as abóbadas e a parede é preenchido por venezianas de vidro, possibilitando a entrada de luz e ventilação.

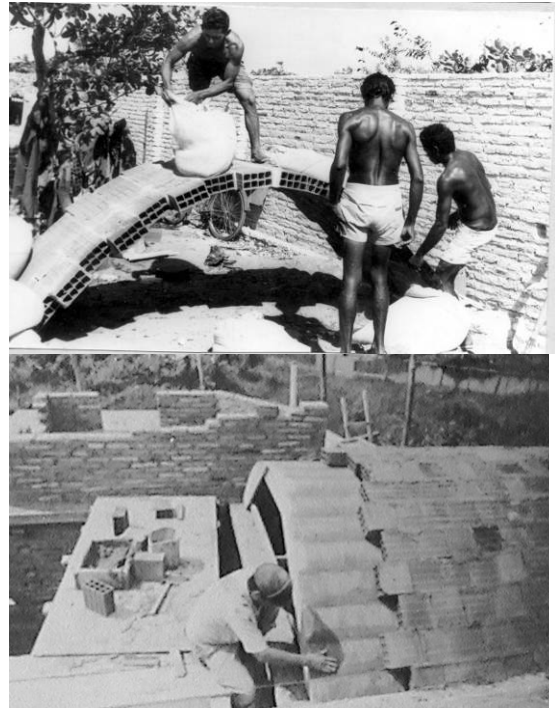
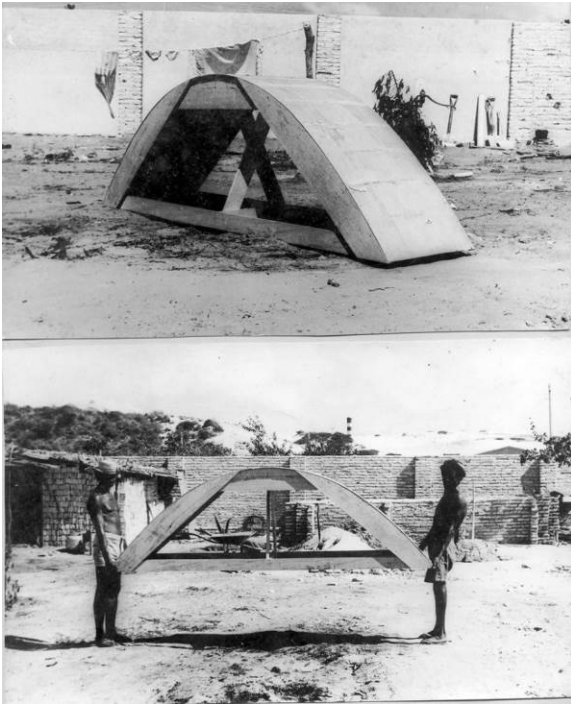


Figura 23- Canteiro de obra da residência do arquiteto Paulo Cardoso (1974). Fôrma da abóbada de 300cm X 80cm, de fácil manuseio por parte dos operários. Teste de carga da abóbada. Processo construtivo da cobertura.

Fonte: Acervo do Arq. Paulo Cardoso.



Figura 24- Detalhe do sistema estrutural  
Fonte: Acervo Margarida Andrade



Figura 25 - As varandas externas confundem-se com a sala de estar.

Fonte: Acervo Margarida Andrade

Outras experiências residenciais que merecem destaque são as residências projetadas pelos arquitetos Roberto Castelo e José da Rocha Furtado (figura 26 e 27). Na primeira, infelizmente já demolida, todo o programa da moradia era resolvido em dois pavimentos, os estares e as áreas de serviço no térreo e os dormitórios no piso superior. Este era protegido por um pano de elementos vazados em cimento (cobogós), o qual, postado no mesmo nível das vigas de suporte e cobertura do segundo pavimento, acabava por definir volumetricamente a casa como um prisma perfurado. A segunda, igualmente posta abaixo, comportava um programa maior, também resolvido em dois pisos. As áreas de estar, divididas pela escada, e os amplos jardins eram as suas principais características. O tratamento rude em concreto aparente e paredes chapiscadas

dos ambientes internos constituíam aspectos comuns dos dois imóveis, soluções estas repetidas pela dupla de arquitetos em projetos de outras tipologias arquitetônicas elaborados em parceria, tal qual o Colégio Estadual César Cals.



Figura 26 - Residência Av. Dom Luis  
Arq. Roberto Castelo  
Fonte: Acervo Margarida Andrade



Figura 27 - Residência Av. Dom Luis  
Arq. Roberto Castelo  
Fonte: Acervo Margarida Andrade

### Edifícios de Apartamentos

Nesse momento, Fortaleza já se anunciava metrópole, sofrendo uma intensa pressão imobiliária e com uma boa quantidade de municípios ao seu redor. É então elaborado então o Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Fortaleza – PLANDIRF.

A Lei Nº 4.486 do Plano Diretor Físico de Fortaleza de 1975<sup>17</sup>, além de propor uma relação mais próxima entre a capital e as cidades vizinhas, demarcou a verticalização da capital fora do Centro, surgindo assim vários edifícios multifamiliares restritos a três pavimentos mais um térreo. Essas obras, localizadas principalmente nos bairros da Aldeota, Dionísio Torres e Meireles, exibem a linguagem brutalista na busca da plasticidade de elementos estruturais e construtivos tais como pilares, vigas, varandas, *brises* e caixas d'água, explorados através do uso do concreto aparente (Figura 28 - 31). Os fechamentos se davam muitas vezes em alvenaria de tijolos cerâmicos ou de concreto aparentes, valorizando-se a rugosidade-nas texturas externas.

O **condomínio fechado multifamiliar Isaac Pontes** (1978)<sup>18</sup>, do recém-formado arquiteto Régis Freire, propõe um programa *“de um apartamento com jeito de casa”*<sup>19</sup>. A partir desse conceito elabora algumas premissas: os espaços deveriam ser generosos, o acesso principal se daria pela varanda social, visuais do exterior seriam alcançadas através de aberturas (seteiras), jardineiras e varandas seriam utilizadas como elementos de proteção solar. *“Como estratégia para obtenção do conforto térmico, a proposta procurou se utilizar de varandas, jardineiras e empenas de concreto (distanciadas das paredes dos ambientes) como anteparos à radiação solar direta, ao longo de uma considerável parte do perímetro do edifício”* (Sampaio, 2012:257).(Figura 33). Todos os apartamentos se comunicavam por intermédio de um fosso central existente no meio da planta, que também servia para canalizar a ventilação. A fachada oeste foi tratada com uma lâmina de

concreto aparente afastada cerca de 80 centímetros do imóvel, o que, na opinião do autor do projeto, contribuiu para desfigurar “a noção de níveis nesta visual do prédio, pois suas aberturas aconteciam de forma irregular, deixando como resultado uma composição equilibrada e simples” (Panorama da Arquitetura...,1982, p.43).



Figura 28 – Edifício residencial Dó Torres.  
Busca da plasticidade nas varandas.  
Fonte: Acervo Margarida Andrade



Figura 29 – Edifício residencial de três pavimentos mais os pilotis. Destaque em concreto aparente nas varandas e no coroamento.  
Fonte: Acervo Margarida Andrade



Figura 30 – Edifício Mar del Plata  
Arquiteto Neudson Braga  
Fonte: Acervo Margarida Andrade



Figura 31 - Edifício Caramuru  
Arquiteto Rui Mamede  
Fonte: Acervo Margarida Andrade



Figura 32 - Edifício Multifamiliar na Aldeota, 1980  
Arquiteto João Carlos Bezerra  
Destaque para os balcões em concreto da fachada oeste, que também servem como quebra-sóis.  
Fonte: Acervo Margarida Andrade



Figura 33 – Edifício Isaac Pontes, 1978  
Arquiteto Regis Freire  
Destaca-se na fachada oeste a empena de concreto afastada do prédio.  
Fonte: Panorama da Arquitetura Cearense [...]1982:

Na mesma linha, o edifício residencial multifamiliar projetado pelo arquiteto Fausto Nilo e situado à Rua Carlos Vasconcelos, no bairro Meireles. Também com três pavimentos mais um térreo, com dois apartamentos por piso, o prédio exibe ainda um terraço na cobertura do último pavimento, espaço geralmente aproveitado como área de lazer dos apartamentos superiores. Sua estrutura aparece demarcada nas fachadas e na cobertura do terraço, com algumas de suas aberturas implantadas em seteiras guarnecidas por peças em concreto ou vedadas por panos de cobogó em cimento.



Figura 34 – Edifício Multifamiliar,  
Arquiteto Fausto Nilo  
Fonte: Acervo Margarida Andrade



Figura 35 – Edifício Multifamiliar,  
Arquiteto Fausto Nilo  
Fonte: Acervo Margarida Andrade



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O brutalismo cearense, tomado de empréstimo do praticado em São Paulo mediante as relações estabelecidas pelos alunos da FAUUSP e do CAUUFCE, e aqui reforçado com as expressões e valores telúricos da arquitetura vernácula, objeto de aprofundada pesquisa levada a cabo pelo Prof. Arq. Liberal de Castro, parece ainda não ter se esgotado. Essa manifestação arquitetônica mostrou-se, contudo, enfraquecida quando da implantação, em 1979, da Lei Nº 5.122-A, a qual abria as portas da verticalização para a especulação imobiliária, que passou, de certa forma, a ditar não só os programas edificatórios como também a influir no gosto estético das obras de arquitetura, numa prova evidente da perda do controle do processo de projeto por parte dos arquitetos.

Mesmo assim, o interesse pelo uso de materiais naturais em suas cores e texturas rústicas; pela rigorosa adequação dos edifícios aos condicionantes climáticos; pela exploração volumétrica, no contexto geral da obra arquitetônica, de volumes servidores, sacadas, varandas e armários; e pelo despojamento geral do edifício ainda resiste no pensamento e na sensibilidade de alguns (poucos) arquitetos. Dentre estes, há quem afirme peremptoriamente, em debates em que frequentemente coloca-se a ética e a estética em campos opostos, ter sido este o momento de maior expressão do nosso Modernismo, traduzido em obras de grande envergadura e que ainda marcam a paisagem de nossa capital e do estado.

Uma outra característica do nosso brutalismo é o seu preocupante desaparecimento. Várias obras aqui descritas já não mais existem, tragadas por uma sanha demolidora da especulação e por sua localização em áreas de grande valorização imobiliária. Com isso, perdem-se os exemplares e os seus registros num momento em que não há garantias firmes de preservação edilícia nos planos urbanísticos ou nas leis de proteção cultural. O resultado disso é um acervo cada vez mais desfalcado, tanto de prédios quanto de dados, legando-se ao descaso a nossa produção arquitetônica.

Assim como na música popular, outra expressão local bastante cultivada, valorizada e contemporânea do brutalismo cearense (inclusive com protagonistas em ambos os campos, em razão da centralidade da Escola de Arquitetura na vida cultural de Fortaleza nas décadas de 1960 e 1970), o amálgama de informações eruditas e populares fez-se presente e criou outra linguagem, viva e crua, espelhando ao mesmo tempo nossas possibilidades e perplexidades. O contemporâneo pela via de uma tradição cuidadosamente escolhida e de uma expressão artística hodierna que a pudesse compreender e interpretar. Nada mais pós-moderno...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acayaba, Marlene. **Residências em São Paulo (1947-1975)**. São Paulo: Projeto, 1986.

Andrade, Margarida J. F.S.; Diógenes, Beatriz H.N.; Duarte JR., Romeu. **Liberal de Castro – documento**. In: Revista Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, Pini, 1996, p.73-82.

Bastos, Maria Alice Junqueira. **Pós-Brasília: Rumos da arquitetura brasileira**. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2003.

\_\_\_\_\_; Zein, Ruth Verde. **Brasil: arquitetura após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Castro, José Liberal de. **Martins Filho, o Edificador**. In: Martins Filho de corpo inteiro. Menezes Neto, Paulo Elpídio (Org.). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004.

Neves, Nelson Serra e; De Leon, Delberg Ponce (Orgs.). **Cadernos Brasileiros de Arquitetura - Panorama da arquitetura cearense**. Volumes 9 e 10. São Paulo: Projeto, 1982.

Jucá Neto, C.R. ; Fernandes, Ricardo; Nascimento, Clewton; Andrade, Margarida J. F. S.; Diógenes, Beatriz; Duarte Jr., Romeu. **A Universidade e a Cidade – Por uma História da Arquitetura Moderna da Universidade Federal do Ceará**. In: ANAIS 8 Seminário DOCOMOMO Brasil. Rio de Janeiro: Edições DOCOMOMO, 2009

Reis Filho, Nestor Goulart. **Urbanização e teoria: contribuição ao estudo das perspectivas atuais para o conhecimentos do fenômenos de urbanização**. São Paulo: Gráfica Urupês, 1967.

Sampaio Neto, Paulo Costa. **Ressonâncias e inflexões do modernismo arquitetônico no Ceará: A contribuição de Gerhard Bormann**. Tese de doutorado. São Paulo: FAUUSP, 2012

Zein, Ruth Verde. **A arquitetura da escola paulista brutalista (1953-1973)**. Tese de doutorado. Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ PRPAR, 2005.

\_\_\_\_\_. **A década ausente. É preciso reconhecer a arquitetura brasileira dos anos 1960-70**. In *Arquitextos – Vitruvius*, nº 076.02, 2006.

\_\_\_\_\_. **Brutalismo, sobre sua definição (ou de como um rótulo superficial é, por isso mesmo, adequado)**. In *Arquitextos – Vitruvius*, nº 084.00, 2007.

<sup>1</sup> Ivan Brito no Instituto de Química e Tecnologia, os demais na Escola de Engenharia. José Liberal de Castro e Neudson Braga ensinavam “desenho técnico a mão livre” e Armando Farias, Geometria Descritiva.

<sup>2</sup> Projeto do Arquiteto Ivan Brito.

<sup>3</sup> Projeto do Arquiteto José Liberal de Castro.

<sup>4</sup> Projeto do Arquiteto José Liberal de Castro.

<sup>5</sup> Projeto do Arquiteto José Neudson Braga.

<sup>6</sup> O Palácio Progresso foi o primeiro edifício de escritórios de porte da cidade, com franca filiação à escola carioca. Estabelece rígida modulação estrutural, grande repetição de componentes utilizados, dentre outras estratégias de racionalização do processo construtivo. O projeto integrava-se “à paisagem através da extensão dos pisos da circulação externa e do bar à passarela de pedestres e veículos sobre a calha do Riacho Pajeú. A proteção solar se faz a partir da modulação regular de elementos horizontais e verticais das fachadas norte e sul” (ANDRADE, M., DIÓGENES, B., DUARTE JR. R., 1996, p. 74).

<sup>7</sup> Projeto do Arquiteto José Liberal de Castro.

<sup>8</sup> Memorial do Concurso exposto na Biblioteca do Curso de Arquitetura e Urbanismo, painel 2.

<sup>9</sup> Memorial do Concurso, exposto na Biblioteca do Curso de Arquitetura e Urbanismo, painel 2

<sup>10</sup> Memorial do Concurso, exposto na Biblioteca do Curso de Arquitetura e Urbanismo, painel 2.

<sup>11</sup> Tendo como colaboradores os estagiários de arquitetura: Delberg Ponce de Leon e João Braga Lima e cálculo estrutural do engenheiro Hugo Alcântara Mota (COSTA, 2012:214).

<sup>12</sup> As estações de Ribeirão Preto e Uberlândia de Oswaldo Bratke, “*adotam o mesmo princípio estrutural, com utilização de paraboloides hiperbólicos de menor dimensão (10,50m X 10,50m)*”. (SAMPAIO, 2012:219).

<sup>13</sup> Nelson Serra e Neves, José Alberto de Almeida, Antônio Carlos Campelo e Carlos Alberto Faria Costa. Colaboradores: Arquitetos Joaquim Cartaxo e Rui Oliveira Mamede.

<sup>14</sup> Hoje no local funciona a sede da Agência Nacional de Telecomunicações - ANATEL.

<sup>15</sup> Colaboraram na elaboração do projeto as arquitetas Luiza de Marilac Ximenes Cabral e Maria do Rosário Dond Veloso.

<sup>16</sup> Paulo Cardoso, formado na primeira turma da Escola de Arquitetura, foi professor de Projeto Arquitetônico, Conforto Ambiental e outras disciplinas de tecnologia da construção civil no CAUUFCE.

<sup>17</sup> Decorrente do Plano PLANDIRF e dos dados de um levantamento aerofotogramétrico de 1972.

<sup>18</sup> Edificação recentemente demolida.

<sup>19</sup> Segundo desejo dos clientes (Cearense, 1982:40).